ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
2ª SERIE
Nº 12
DIRECTOR CARLOS MALHEIRO DIAS

Illustração Portugueza

Director—Carlos Malheiro Dias

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Condições de assignatura

Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura extraordinaria

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

EDITOR—JOSÉ JOUBERT CHAVES

O conselheiro João Arroyo — compositor

A-t-on intérêt à s'emparer du pouvoir?

Este titulo de um livro de Edmond Desmolins, o auctor feliz d'essa brilhante exaltação do regimen particularista que se chama *«A quoi tient la superiorité des anglo-saxons»*, consubstancia a pergunta synthetica, sobria e grave feita talvez pelo sr. João Arroyo a si proprio, á sahida d'alguma sessão da Camara dos Pares:

—Valerá a pena exercer-se o poder em Portugal?

Evidentemente, não vale. O exercicio do poder é, com raras e honrosas excepções, aqui como em toda a parte, um recurso das creaturas falhadas, inuteis e improductivas. O proprio poder é, em principio, uma abdicação de personalidade, um estado social inferior, um prodigio de adaptação, possivel apenas nas creaturas amorphas e incaracteristicas. A sua conquista é, ainda com as mesmas excepções, o triumpho dos mediocres. Não são, em geral, os grandes sabios, os grandes pensadores, os grandes philosophos que o exercem: é o *parvenu* mediocre, eminentemente adaptavel, movimentador e agitador de idéas alheias, sem individualidade, sem caracter, sem physionomia moral propria. Em toda a parte succede assim. Na propria Inglaterra é o elemento anglo-saxão que produz a riqueza: o elemento *faitnéant*, o elemento parasitario é justamente o elemento normando, conquistador, nobre, que por não saber exercer o commercio, a industria, a agricultura ou a arte, se apossa do poder,—e faz politica. De resto, o triumpho dos grandes politicos é como o dos grandes actores: restricto e ephemero. Vive-se sob o dominio da injuria e de calumnia,—que o illustre Rubinstein recommendava aos legistas para que fosse punida como o assassinio. Começa-se por perder o caracter, e acaba-se por perder a vergonha. E' na vida um recurso brilhante,—mas é sempre um caminho doloroso. Os grandes talentos e as finas sensibilidades, os espiritos dotados d'essa scentelha de rebellião que é o segredo dos inadaptados e dos inamoldaveis, os caracteres integres e fortes que não abdicam,—se uma vez chegam a entrar na politica, pouco tempo se conservam n'ella. Quando se não é um inhabil, um improductivo, um *fainéant*, um inutil,—*«on n'a pas d'intérêt à s'emparer du pouvoir.»*

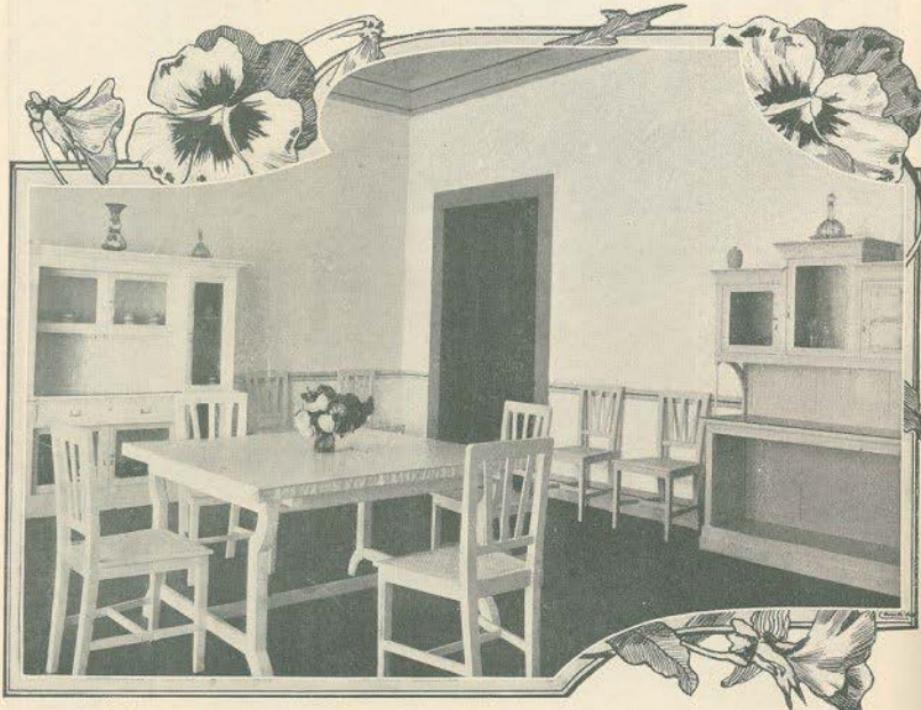
O sr. João Arroyo, espirito fidalgo e superior, homem de intenso e complexo talento, temperamento forte de artista e estofo admiravel de pensador, comprehendeu finalmente essa grande verdade,—e d'ahi a profunda revolução operada, nos ultimos tempos, na sua vida publica e particular. O par do reino illustre atirou por cima dos moinhos a sua corôa de marquez e comprou um chapeu de palha para o sol das vindimas: fez-se viticultor. O grande orador parlamentar despiu a

casaca de seda de Mirabeau, descalçou as sandalias de Demosthenes,—poz a cabelleira empoada de Bach, os oculos d'oiro de Schumann: fez-se *cappellmeister*. Entre as suas vinhas e o seu piano, as suas cêpas americanas e o seu Schiedmayer vertical, o sr. João Arroyo passa agora tranquilla e placidamente, o tempo que gastava a fazer prodigios d'argucia em conciliabulos politicos e a incrustar effeitos theatraes nos seus discursos parlamentares. Dir-se-hia que um vento de pacificação biblica passou na vida do estadista,—hoje feliz e despreoccupado entre a sua harpa e os seus pam-

O sr. conselheiro João Arroyo

O «Hall» da casa do sr. conselheiro Arroyo na quinta do Casal

panos, como o David da escriptura. Foi um salto enorme,—das questões diplomaticas para a *Sonata* em *la* de Weber, do septimino ministerial para o tercetto classico, do sr. Hintze para Beethoven, do *Diario das Camaras* para a musica de camara. Ao bulicio das salas do palacio do Telhal, cheias de lacas, de estofos, de pinturas, de faianças, de preciosidades, sempre abertas aos *raouts* e aos jantares diplomaticos, succedeu a quietação patriarchal do solar de Almoçageme, mobilado praticamente e simplesmente,—á ingleza. O leilão do seu *bric-à-brac*, marcou para o sr. João Arroyo a definitiva aspiração a uma vida mais tranquilla, mais productiva, mais nobre e mais util. Tudo na vida do illustre parlamentar era o reflexo d'esse *bric-à-brac*:—os seus discursos e as suas convicções, as suas fardas e as suas grã-cruzes, os seus jantares e as suas apostrophes, as suas indignações e os seus charutos. A sua fuga reflectida para a viticultura e para a musica, para Wagner e para o sulfato de cobre,—foi a expressão eloquente d'um leilão universal. O sr. Arroyo é hoje um homem liquidado,—quer dizer,—é um homem renascido. Sobre as ruinas do grande orador ergue-se o grande maestro. Sobre a derrocada d'um fino diplomata surge um sabio viticultor. Como Passos Manuel, como o visconde de Chancelleiros, como Guerra Junqueiro, como o sr. José Luciano,—o antigo ministro do sr. Hintze refugiou-se na contemplação e nas vinhas. A viticultura é entre nós um equivalente da aposentação. Que seria dos grandes homens d'este paiz—Deus de piedade!—se não se tivesse inventado a cêpa americana!

O desinteresse soberano do sr. João Arroyo pela idéa do poder já ha muito se manifestava. O illustre parlamentar lêra decerto o bello livro de Desmolins, e antes da liquidação da sua casa já liquidára as suas aspirações politicas. O nobre exministro tinha talento de mais para ser apenas um homem publico. Deixou de instrumentar ironias,—e começou a instrumentar uma opera. Mandou passear Guizot,—e deu o braço a Wagner.

A casa de jantar da quinta do Casal

Poz de parte a espada franceza e as luvas de esgrimista,—e empunhou classicamente, sabiamente, a batuta de Gluck. D'ahi a pouco, surgia a partitura do *Amor de Perdição*, sobre o libretto d'um romance a que Anthero chamou o *Werther* da sentimentalidade portugueza. A politica, que entre nós fornecera toda uma flora de dramaturgos,—Garrett e Mendes Leal, Antonio de Serpa e Rebello da Silva, Antonio Ennes e Pinheiro Chagas, e por ultimo Schwalbach e Malheiro Dias,—começou no sr. conselheiro João Arroyo a fornecer maestros. Provára-se que a grã-cruz se dava admiravelmente com o cothurno grego: prova-se agora que os Bechstein ou os Schiedmeyer verticaes se não dão peior com as velhas carteiras da camara dos pares.—«Todo o politico deve ter tres

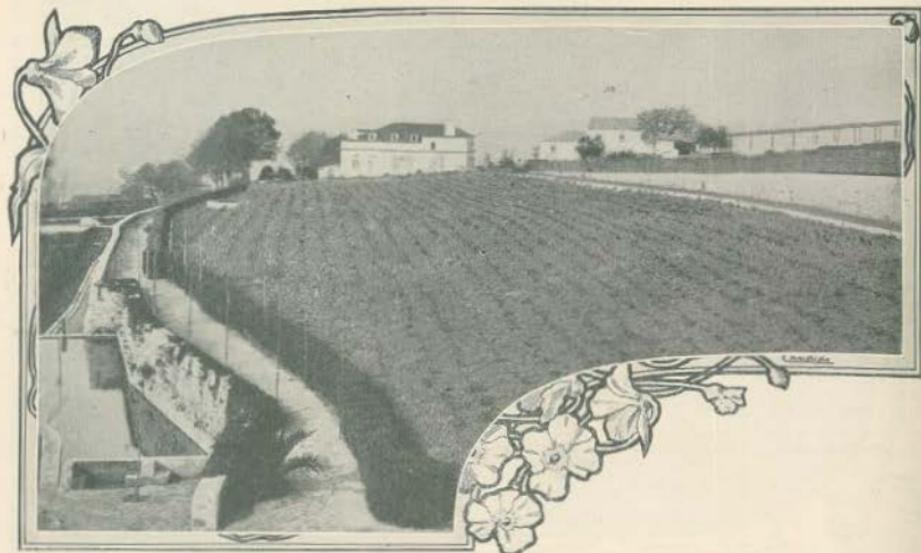
quartas partes de comediante,» — disse o arguto Machiavel. — «Todo o politico deve ter uma quarta parte de *virtuose*» — dirá ámanhã o sr. Barbosa Colen. Ora se no sr. João Arroyo tres quartas partes pertencem ao comediante e uma quarta parte ao *virtuose*, — o que fica então para o homem publico? Evidentemente, as vinhas, — como suprema formula de aposentação; mas, além das vinhas, alguma coisa ainda: o prestigio d'um grande e fidalgo nome de artista, ámanhã repetido com respeito pelos ***dilettanti*** do ***Communale*** de Bolonha e do ***Scala*** de Milão; superior, muito superior decerto ao seu nome estridente de orador de ***boutades***; — nome de artista que convencerá á saciedade o antigo ministro de que é bem mais difficil, bem mais grave e bem mais nobre dominar uma platéa do que empolgar um parlamento.

*

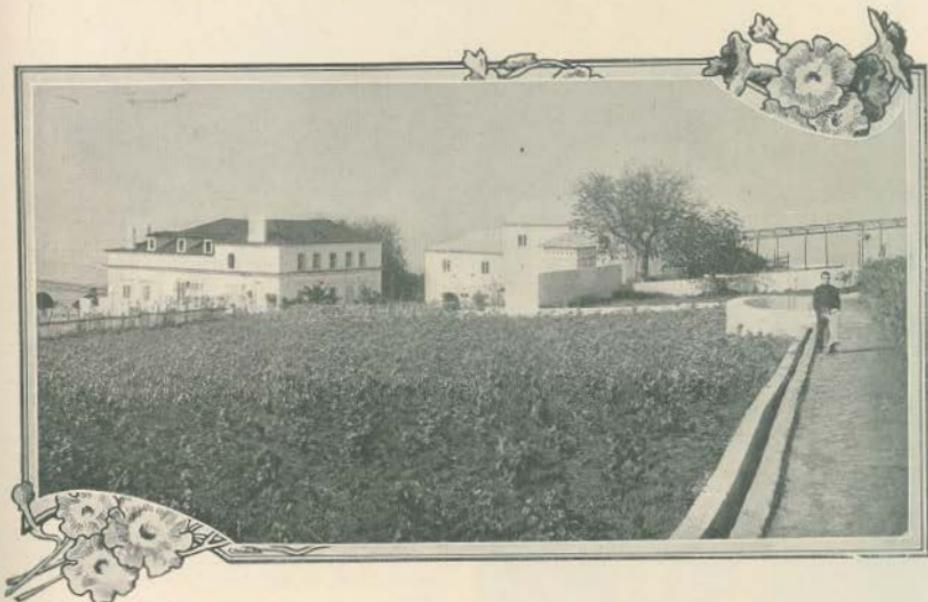
Data da sua ultima permanencia nos conselhos da corôa, como ministro dos negocios estrangeiros, a génese da idéa lyrica do *Amor de Perdição*.

O fogão do «Hall» na residencia da quinta do Casal

A residencia do sr. conselheiro Arroyo na quinta do Casal em Almoçageme

Foi em meio das *sauteries*, das recepções, dos *raouts*, dos jantares diplomaticos, que o sr. João Arroyo lançou ao papel, com o fervor d'um iniciado e a sciencia d'um maestrino allemão, as primeiras notas da sua partitura. No espirito do illustre homem publico começou a fazer-se uma confusão absurda. Era maestro quando queria ser ministro, e era ministro quando lhe appetecia ser maestro. Entrava todos os dias no ministerio a trautear o «duetto» do 1.º acto; vinha alguem pedir-lhe uma troca de secretarios de legação, respondia assobiando o «concertante» final; ia a conselho de mi-

Aspecto da quinta do Casal vista da estrada

nistros a casa do sr. Hintze e disparava-lhe á queima-roupa os «bailados» da opera. No seu cerebro, de resto privilegiado, baralhavam-se notas musicaes e notas diplomaticas. Tinha indignações parlamentares em *ré* sustenido, e dava despacho aos directores geraes em clave de *sol*. Succedeu finalmente o que tinha de succeder: levantou-se da cadeira de ministro e foi sentar-se no banco do piano. Abandonou a pasta e tomou a partitura. Mandou para o inferno os directores geraes e passou a dar despacho... ás Musas. O sr. Hintze sionaes: não era o trabalho d'um ministro e d'um diplomata,—era a tarefa d'um allemão wagneriano e sabio.

A primeira audição intima já se realisou no palacio de Santo Antonio dos Capuchos, com a assistencia dos mais cotados *leaders* da opinião musical. Resta saber quando e onde será representada a opera do sr. João Arroyo. O seu auctor, assaltado por varios jornalistas, indicou como theatro provavel para estreia do *Amor de Perdição* o *Communale* de Bolonha: nós, porém, temos motivos pa-

A quinta do Casal em Almoçageme — Residencia e adegas

bateu palmas, o sr. Sousa Monteiro ficou radiante,—e o sr. Arroyo continuou o seu «spartito». No carnaval de 1903 estava prompta a parte de piano e canto. Faltava a instrumentação. Este grande homem, tão habil em instrumentar descomposturas solemnes, hesitou e teve um momento de desanimo. Instrumentar uma opera era evidentemente mais difficil do que descompor o sr. Espregueira. O desalento do maestro traduziu-se então nas furias do par do reino. Foi necessario fazer uma viagem, para acalmar. Correu os theatros da Allemanha e da Italia. Conheceu pessoalmente maestros e editores celebres. Voltou,—e dois annos depois estava instrumentada a opera, com uma bravura e um brilho que desnorteariam os profis- ra affirmar que a scena preferida será a do theatro de S. Carlos de Lisboa. Seja entretanto como fôr, o certo é que o digno par do reino, grã-cruz e ministro de estado honorario, ao vêr coroado o seu trabalho pelas ovações estrepitosas do publico, ao vêr-se consagrado pela *élite* musical do seu paiz ou pelos *dilettanti* escrupulosos de Italia, ha de recordar-se vagamente da grande phrase que serve de titulo ao livro de Desmolins, e repetir comsigo, no seu triumpho de maestro celebre e de viticultor feliz:

—«*A-t-on intérêt à s'emparer du pouvoir?*»

Uma obra prima de estatuaria

A galeria de esculptura do Museu das Janellas Verdes vae ser enriquecida com a reproducção em bronze da estatua de Simões d'Almeida, *Puberdade*, que actualmente figura na exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes.

Os frequentadores do nosso museu artistico conhecem já, pelo gesso que ali se admira, a obra prima do grande mestre Simões d'Almeida, gesso que o artista cedeu gentilmente ao museu, encarregando-se agora a commissão administrativa do legado de Valmôr de mandar fundir a estatua em Paris, donde chegou na vespera da abertura da exposição da Sociedade Nacional.

A estatua *Puberdade* foi executada em Lisboa em 1877 e exposta no anno seguinte na exposição internacional de Paris, onde obteve a terceira medalha.

Em 1888 foi o artista incumbido de trasladar ao marmore esse primor de estatuaria para a galeria do dr. Francisco Barahona, de Evora.

D'uma correcção escrupulosamente classica, de uma indefinivel pureza e suavidade de linhas, a *Puberdade*, linda e esbelta figura de rapariga nua, tem um delicado movimento de pudor que traduz toda a offendida candura d'uma alma innocente. Bastaria este primor d'arte para consagrar o nome do seu insigne auctor que, no emtanto, para a sua gloria e honra do paiz que lhe foi berço, outros admiraveis lavores conta na sua vasta bagagem artistica, egualmente bellos e cada um d'elles sufficiente para firmar a reputação d'um estatuario. Quem, entre outros, não conhece porventura, o *Christo* da capella tumular de Herculano ou a figura da *Victoria* do monumento aos Restauradores na Avenida da Liberdade?

Da estatuaria portugueza nenhuma obra adquiriu mais incontestavel direito a figurar ao lado do *Desterrado* de Soares dos Reis, a obra prima da esculptura nacional. Ha na encantadora figurinha de adolescente, de Simões d'Almeida, o mesmo poder de execução technica, o mesmo dominio de transmissão do sentimento. Apezar da completa nudez, a figura desprende candura e castidade, n'esse bello peito de pudor offendido. A forma de impeccavel correcção, raras vezes attingida, n'um bloco, parece animada de uma vida intensa.

S. Carlos em 1887 ◎ A Patti e a Nevada ◎ A empreza Valdez ◎ A Theodorini ◎ Os irmãos Andrade ◎ A «D. Branca» de Alfredo Keil ◎ A estreia de Regina Pacini ◎ Do «Covent-Garden» para S. Carlos ◎ Uma prima-donna de 17 annos ◎ O triumpho de uma creança ◎ A prophecia da Patti ◎ Regina em Londres ◎ A princeza de Galles ◎ Regresso a S. Carlos em 1898.

Uma das epocas mais memoraveis de S. Carlos foi, na acclamação unanime da critica de então e na memoria ainda saudosa dos velhos *dilettanti*, a de 1887-88, da empreza Valdez.

Adelina Patti, a mais famosa cantora do seculo, cantava em S. Carlos a *Traviata*, a *Linda de Chamounix*, a *Dinorah*, o *Barbeiro de Sevilha*, o *Chrispim e a Comadre* e o *Rigoletto*. Emma Nevada enthusiasmava Lisboa nas recitas inolvidaveis da *Lucia* e da *Somnambula*. A Theodorini, na culminancia da sua carreira lyrica, cantava os *Huguenottes*, a *Gioconda*, a *Lucrecia Borgia* e o *Romeu e Julietta* com o Talazac. Francisco de Andrade, em todo o prestigio da sua elegancia e da sua arte consummada, apparecia no *Renato* do *Baile de Mascaras*, no *D. Sallustio* do *Ruy Blas*, no *Rigoletto*, no *Antonio* da *Linda de Chamounix*, no protagonista do *Barbeiro de Sevilha*, no *Barnaba* da *Gioconda*. Alfredo Keil fazia cantar a *D. Branca* com a Theodorini, o meio soprano Gabriella Figuet, Antonio e Francisco d'Andrade e o baixo Meroles. Nunca mais, como n'esse anno, a platéa de S. Carlos usou com um tão pomposo orgulho a sua prerogativa de arbitro do *bello canto*. A Patti, a grande, a divina, a prodigiosa Patti, no declinar ainda manso, imperceptivel quasi, da sua carreira gloriosa, acabava de ser pateada na *Dinorah* por essa mesma platéa exigentissima que, quinze dias antes, rasgara as luvas a applaudir Emma Nevada — esse lindo *bibelot* de carne rosea e olhar voluptuoso, — na *Somnambula* e na *Lucia*. E é quando no palco de S. Carlos canta a rainha das cantoras, a quem as rainhas fazem a côrte, com quem se corresponde a princeza de Galles e cuja voz de miraculoso rouxinol a America e a Europa disputam a lanços de ouro; quando se não esvahiram ainda nos ouvidos os trinados frescos da Nevada; quando a Theodorini, com todas as seducções de uma grande actriz e a sua *beauté du diable*, ergue o melodrama lyrico a alturas nunca antes d'ella attingidas, — que a empreza Valdez annuncia a estreia de uma cantora portugueza, que ia fazer, no dia seguinte, 17 annos!

A creança era Regina Pacini e a estreia estava marcada para 5 de janeiro, na noite immediata ao grande successo da Patti no *Chrispim*, com a mesma opera de Bellini em que a Nevada enthusiasmara até ao delirio esse severo concilio de criticos e o sceptico bando de janotas, que commandam a opinião e dirigem a moda em S. Carlos. A ousadia de semelhante commettimento surprehendera todo o consistorio mundano e faccioso, intolerante e severo. Pois alguem se atrevia a servir a esses *gourmets*, depois da sublime Patti, uma creança inexperiente? Debalde se espalhara que Mancinelli applaudira n'um ensaio a cantora adolescente, que o maestro Augusto Machado dizia ser extraordinaria de limpidez e sonoridade a voz de Regina e que Jayme Batalha Reis a andara annunciando, no seu cenaculo dos *Vencidos da Vida*, como um authentico prodigio. A platéa de S. Carlos, que ousara o attentado sacrilego de patear a Patti na *Dinorah*, sorria, incredula. E o que mais avolumava o partido da incredulidade era o facto ainda recente de Regina ter ido a Londres para debutar no *Covent-Garden* e haver regressado

pouco depois sem ter desferido uma só nota da sua voz na Opera de Londres. A verdade é que a *Somnambula*, que deveria ser a sua peça de estreia no *Covent-Garden*, fôra já ali cantada pela Bussel e Catogni chegara tarde para que ella pudesse desempenhar a *Zerlini* do *D. João*. Mas a má lingua indigena, sem averiguar os motivos da desistencia, affirmava que Regina não conseguira debutar por a isso se haver vivamente opposto o emprezario. A sua reputação de cantora sossobrára entre as desdenhosas ironias dos *dilettanti*... E era ante esse tribunal de criticos e de *snobs* que a cantora infantil ousava, com a intrepidez da innocencia, vir defender o seu talento precoce e a sua fresca voz de rouxinol ainda a ensaiar os trillos e as azas.

Regina Pacini
(*Retrato tirado em Italia, em 1904*)

N'essa noite de 5 de janeiro de 1888, a sala de S. Carlos offerecia o aspecto solemne e excepcional das grandes recitas. Não ficara um bilhete por vender. No *foyer*, no salão, nos corredores, nos camarotes, discutia-se a juvenil Regina, a quem a Patti ia dar a alternativa. Os velhos frequentadores de S. Carlos obstinavam-se em não acreditar que aquella creança, que tinham visto brincar no palco com as bonecas, saltitando por entre os grupos dos coristas, espreitando nos camarins das bailarinas, se houvesse tão depressa transformado n'uma *diva* e fosse já uma *prima-donna*. A inconsciencia risonha com que uma cantora de 17 annos, com um dia de audição por Pontecchi, alguns conselhos de Mancinelli e um ensaio de orchestra, arrostava com as res-

A sala de Regina na sua casa da rua da Trindade

ponsabilidades tremendas da partitura de Bellini, — a cujo peso tinham vergado tantas notabilidades consagradas — acabara por impressionar e commover os mais intransigentes. A' entrada de Regina em scena não se ouviu porém uma unica palma. Havia como que uma oppressão geral, aggravada pela espectativa da entrada, que o preludio longamente demora na *Somnambula*. Movidos pela mola de uma curiosidade unanime, todos os binoculos convergiram para a pequenina figura deliciosa. Era, porém, necessario adivinhal-a. Não havia na sala microscopios e o vulto de Regina só devia tornar-se positivamente intelligivel quando jorrasse, como depois jorrou, ondas volumosas de luz.

Mas logo ás primeiras phrases *di sort ilia*, o publico comprehendera que a essa encantadora e ingenua *Amina* estava reservado o triumpho. Emquanto no ar subiam as notas de cristal da *caratina*, os mais severos juizes de S. Carlos sentiam-se commovidos. É que n'aquella limpida voz havia as ternuras innocentes de um anjo, que tivesse descido do céo a escripturar-se n'uma companhia lyrica. A Patti, que assistia ao espectaculo, deu o signal para os applausos. Uma estrepitosa ovação cobriu as ultimas notas argentinas da *caratina* do

Regina Pacini
Ultimo retrato da cantora tirado em Paris

1.º acto. A creança triumphára. O enthusiasmo contagiou os espectadores, desde as torrinhas aos *fauteuils* de orchestra, e quando, acabado o *rondó* do 3.º acto, a Patti desceu ao palco para prophetisar á *diva* embryonaria que ella seria em breve a sua successora, as senhoras, de pé nos camarotes, accenavam com os lenços e a ovação convertera-se n'uma espontanea e impetuosa glorificação da adolescente.

Depois d'esse *debute* celebre, em que viu a seus pés todas as flôres que ornavam n'essa noite os decotes das mulheres, Regina teve logo propostas de escripturas no estrangeiro. Mas recusou-as. Durante duas epocas conservou-se em S. Carlos, cantando a *Lucia*, a *Linda de Chamounix*, o *Chrispim e a Comadre*, os *Puritanos*, a *Lakmé*, a *Mignon*, o *Hamlet* e o *Pescador de Perolas*. N'esse campo de batalha, onde conquistára a primeira victoria, a cantora fez o seu árduo e trabalhoso tirocinio. A adolescente acabou de desabrochar em mulher na scena d'esse mesmo palco onde brincára em creança com as bonecas. S. Carlos foi o seu *Conservatorio* e a sua aula. Frente a frente com um dos publicos mais vaidosos e exigentes da Europa, luctando com os confrontos temerosos da Patti, da Nevada e da Van-Zandt, repetindo-lhes, opera a opera, o repertorio, a cantora inexperiente fez todo o seu curso de *prima-donna*. O seu jogo scenico, a começo de uma ingenuidade primitiva, ia-se pouco a pouco harmonisando ao magico esplendor da sua voz, e em maio de 1889, sentindo confiança nas proprias azas, o rouxinol ergueu vôo do ninho e ia fazer ouvir em Londres o seu trillo mavioso. A princeza de Galles, hoje rainha de

Regina na «Somnambula» em 1887

Inglaterra, convidava-a para um concerto. A fama do rouxinol espalhou-se na Europa. Por toda a parte, as platéas erguiam-se para saudal-a. Em Milão, em Palermo, em Madrid, em Moscow, onde a proclamaram a *nova Patti*, Regina ia deixando associada ao seu nome a reputação de um dos primeiros sopranos ligeiros do seu tempo. Ninguem já como ella cantava o *rondó* da *Lucia* e a *polacca* dos *Puritanos*.

Finalmente, no seu regresso a S. Carlos, em 1893, reapparecendo na noite de 3 de janeiro, ao lado do Masini, na mesma opera da estreia, Regina não era mais a creança a quem seis annos antes a Patti prophetisára uma carreira gloriosa, mas já uma grande cantora consagrada. A Sembrick envelhecera; a Van Zandt compromettia com o abuso do alcool a limpidez assombrosa da sua voz de anjo; a Patti recolhera-se, como uma rainha que abdicou, ao seu castello da Escossia. Regina não tinha uma só rival aos 24 annos!

Mas quem era, de onde nos vinha essa cantora de nome italiano, que tão desvanecidamente proclamava a sua origem portugueza?

Regina na «Mimi» da «Bohemia»

A actriz Maria Adelaide ◎ As suas reuniões ◎ Jantar de Reis ◉ A fava do bôlo-rei ◉ O nascimento de Regina ◉ O baritono Pietro Giorgio Pacini ◉ D. Felicia Pacini ◎ Os «qui-qui-ri-quis» de uma creança ◎ A infancia de Regina ◎ Historia de um vendedor de passaros ◎ O maestro Napoleão Véllani ◎ Em que se falla da Malibran ◎ Os mestres de Regina ◎ O ré-bemol sobreagudo ◎ Quanto ganha Regina ◎ De 6:000 francos por mez a 5:000 francos por noite.

No primeiro andar de um predio da rua do Loreto, quasi á esquina da rua da Emenda, em frente da pharmacia Tedeschi, que a esse tempo era ainda a pharmacia Barreto, morava em 1871 a actriz Maria Adelaide, do theatro do Gymnasio.

Maria Adelaide, que era uma rapariga alegre como depois d'ella não houve mais nenhuma, heroina encantadora para um romance á Murger, reunia em casa, nas noutes em que não tinha espectaculo, tudo o que o mundanismo, a litteratura, o jornalismo e o theatro produziam de celebre, de pittoresco e de ornamental n'essa Lisboa romantica do tempo da guerra franco-prussiana, onde Eça de Queiroz e Ramalho acabavam de apparecer. N'estas reuniões dançava-se, conversava-se, ceiava-se, recitava-se e cantava-se com uma tão grande animação, que o romper do sol parecia succeder immediatamente ao accender dos candieiros.

No dia de Reis d'esse anno de 1871, havia jantar de festa em casa de Maria Adelaide. A' sobremeza, entre o estourar do *Champagne*, serviu-se o bolo tradicional—cuja fava caiu em sorte ao actor Augusto Rosa. Foi n'esse momento solemne que a creada annunciou a grande noticia: —havia gente nova no predio. D. Felicia Pacini, esposa do baritono Pietro Georgio Pacini, acabava de dar á luz uma menina, que por haver nascido em dia de Reis recebeu no baptismo o nome de Regina. Filha de italiano e de hespanhola, pois que madame Pacini, como a descreve Gervasio Lobato, «era uma formosa hespanhola, das hespanholas louras, que são as mais raras e as mais galantes», Regina Pacini herdou as qualidades caracteristicas das duas raças: o donaire, a desenvoltura, o desembaraço da gente de Hespanha, a intuição artistica, a vocação musical dos italianos. Pacini era director de scena do theatro de S. Carlos e no theatro passava todo o anno, de verão e de inverno, lidando sempre, nunca se dando férias, sendo um director de scena exemplar, unico, como o actual emprezario, seu filho, nunca encontrará outro que se lhe compare.

A pequena Regina ia para o theatro com os paes e ali passou toda a infancia, a brincar no palco, a andar pelo collo dos grandes artistas, a cantar com a sua vozinha pequena as arias e as *cavatinas* que ouvia ás celebridades. Aos cinco annos, Regina, quando os ensaios terminavam, punha-se a cantarolar, com todos os seus *qui-qui-ri-quis*, os rondós da *Lucia* e da *Somnambula*. Depois curvava-se toda, desfazia-se em agradecimentos aos applausos enthusiasticos de um publico que ella fantasiava estar ali defronte, na platéa êrma e sombria. Era já o destino que ensaiava para a futura carreira gloriosa a filha do baritono Pietro Giorgio e a prima do compositor da *Safo* e do *Buondelmonte*, Giovanni Pacini? O facto é que ninguem prestara ainda attenção ás arias da pequenina Regina e que só a uma extraordinaria circumstancia deveu sua mãe o presentir a aptidão maravilhosa d'aquelle rouxinol. Para o Loreto vinha sentar-se muitas vezes um vendedor de passaros, que imitava n'um assobio de metal o trillo do canario. A pequena Regina lembrou-se de lhe copiar os trinados com a garganta, e era tão prodigiosa a nitidez da imitação, que D. Feli-

cia Pacini, impressionada, consultou o celebre maestro Napoleão Véllani, filho da grande Marietta Albini, a sobrinha da Malibran, então de passagem em Lisboa.

Véllani poz as mãos na cabeça ao ouvir o gargantear de Regina e aconselhou a que, sem perda de tempo, ensinassem a cantar aquella creança prodigio. Dois annos depois, tendo estudado na Italia com o proprio Véllani e em Paris com a marqueza de Castrone, *signora* Marchesi, que se apropriara do methodo do tenor Garcia, pae da Malibran, a imitadora de passaros debutava em S. Carlos na *Somnambula*, com uma escriptura de 6:000 francos por mez, tendo pago 40 francos por cada lição á Marchesi.

Seis mil francos por mez! Como isto já vae longe para a *diva*, a quem o Theatro Real de Madrid pagava para cantar o *Barbeiro de Sevilha*, na recita de gala do presidente Loubet, cinco mil francos! E dizer-se que foi á intervenção de um pobre e misero vendedor de passaros, que Regina deveu a revelação da sua garganta miraculosa, cujos gorgeios se pagam a um conto de réis por noite e que os emprezarios hoje disputam, como outr'ora os da Patti!

Para que assim valha um guinéo de ouro cada nota d'essa voz de rouxinol, indispensavel se torna que ella seja, como a qualificou Véllani, um prodigio. A difficuldade está em fazer comprehender aos profanos até que ponto a voz cristallina e maviosa de Regina corresponde a essa designação phenomenal. Dando como limite vulgar da voz humana o *lá* da escala, Regina Pacini attinge o *ré-natural sobreagudo* no concertante dos *Puritanos*, que ella canta, como na *polacca* da mesma opera, uma oitava mais alto que as partes escriptas para os violinos. Mas ainda não é tudo. Nas variações de Proch, qualquer entendedor de musica sabe que Regina attinge sem esforço o *mi-sobreagudo-natural*; quatro notas acima do limite maximo da escala! Por mais ignorante que se seja da complexa linguagem musical, a audição dos *Puritanos*, quando é Regina que canta a parte de *Elvira*, que Bellini escreveu para a voz da Tamburini, deixa no espectador a impressão profunda e indescriptivel, que um critico julgou poder descrever comparando-a á que se sentiria ouvindo descer do céo, por entre um rasgão de nuvens, a voz divina de um anjo. Ha um momento em que um fremito passa na sala: é quando no concertante dos *Puritanos*, essa miraculosa voz se eleva a uma oitava superior — que Bellini não ousou escrever para a Grisi! — e lança a plenos pulmões os *ré-sobreagudos*, para os quaes seria necessario encontrar uma imagem analoga á *«mão de ferro em luva de velludo»*.

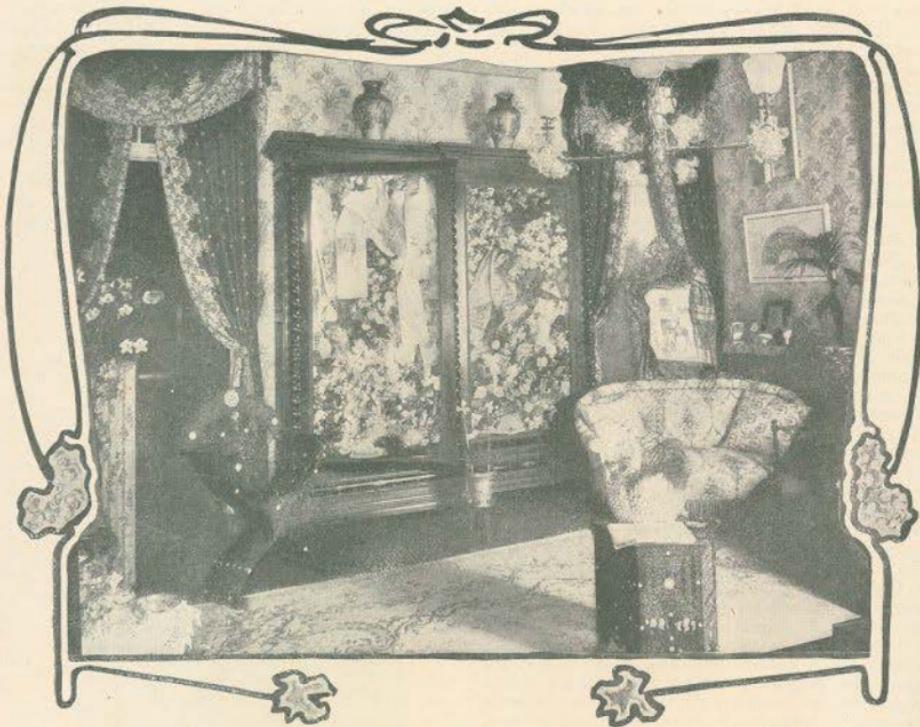
Depois da Patti nunca em nenhum theatro da Europa ou da America se ouviu uma voz que a esta se compare em extensão e pureza, em radioso brilho e vibração cristallina. E sae esta voz surprehendente de um corpinho franzino, flexivel como um vime, delicado como um *bibelot*, gracioso como uma figurinha de Saxe, para que mais impressionadora se torne pelo contraste e mais se immaterialise nos seus trinados lyricos e nos seus gorgeios delicados!

Em pleno triumpho ◎ As recitas de gala ◎ As ovações da Russia ◎ O principe de Emeritinski, governador de Varsovia ◎ A recita do coroamento do rei de Inglaterra ◎ O jantar do Principe de Monaco ◎ Regina no paço real de Madrid ◎ O «Barbeiro de Sevilha» no theatro Sarah Bernhardt ◎ O «Five-o-clok» do «Figaro» ◎ O concerto no palacio Montebello ◎ Um aaventura am Berlim.

Quando Regina voltou a Lisboa, em 1893, cinco annos depois do seu *debute*, era já uma celebridade europeia que S. Carlos ia applaudir. Chamando-a ao paço de Belem, S. M. a Rainha contava-lhe que sua avó, a senhora duqueza de Montpensier, lhe escrevera, depois de a ouvir em Sevilha, felicitando-a por ser rainha de um paiz onde nascia uma cantora assim. Depois de cantar os *Puritanos*, a *Somnambula*, o *Barbeiro de Sevilha*, o *Chrispim e a Comadre* e os *Huguenottes*, Regina fazia a sua festa artistica a 28 de março com a *Lucia*, sendo as partes de *Edgardo* e *Ashton* distribuidas ao tenor Metellio e baritono Kaschmann. S. Carlos transbordava de espectadores. A familia real chegára ao theatro antes de principiar o espectaculo. As ovações, que cresciam de acto para acto, attingiam o delirio quando Regina, n'um intervallo, cantou em hespanhol, como a mais «salerosa flamenca», as *carcelleras* da zarzuella de Chopin, *Hijos de Zebedeu*, depois de erguer a sala com a aria da *Flauta Magica* de Mozart: verdadeiro prodigio de execução nas notas sobreagudas. As duas Rainhas chamaram-a ao camarote real para a felicitarem e brindarem. O camarim de Regina enchera-se de flores e de presentes. Tudo o que Lisboa contava de evidente na elegancia, na litteratura, na politica e na imprensa foi beijar a mão á *prima-donna*.

Regina na «Manon»

Não lhe faltaram os brindes dos Font'Alva, dos Regaleira, dos Romero, dos Bregaro e dos Franco: de todos os principes da moda e do dinheiro. Para a sua casa da rua Nova de Trindade, por cima da ourivesaria Leitão, onde móra desde a sua estreia em S. Carlos, Regina levou n'essa noute montes de camelias, de violetas e de rosas.

A 9 d'abril, o rouxinol partia de novo a espalhar os seus gorgeios pelo mundo. Começára definitivamente para Regina essa existencia nomada tro de Monte-Carlo o papel de *Bettina* na opera inédita de Bizet *Don Pandolfo;* Leoncavallo que lhe pede para cantar a parte de soprano ligeiro da opera em que trabalha, *Mocidade de Figaro;* o governo inglez que a escriptura para cantar com a Helba na coroação de Eduardo VII — recita em que as cadeiras custavam 25 libras e os camarotes 80 guinéos! —; o novo theatro lyrico de Nova-York que lhe supplica a honra de o inaugurar com Bonci e Renaud; o presidente da republica Argentina

As corôas da prima-donna

das celebridades, com as glorias e as fadigas, as ovações enthusiasticas e as escripturas magnificas, de grandes viagens atravez mares e continentes, existencia repartida pelos palcos, pelos hoteis, pelas *cabines* dos transatlanticos e dos *expressos*, na colheita febril de ouro e de applausos a que Sarah Bernhardt chamou — «*la grande course du talent après le dollar.*» E' hoje o publico de Moscow que desatrella os cavallos da sua carruagem e a conduz ao hotel arrastando-lhe o *coupé* pela neve; é ámanhã o principe de Emeritinski, governador de Varsovia, que vae visital-a ao hotel com a sua escolta de cossacos; é depois a rainha de Hespanha que a convida para ir cantar ao palacio do Oriente e a marqueza Mauricio de Montebello para cantar no seu palacio da rua Prony; o principe de Monaco que a senta á sua mesa; a rainha de Portugal que a recebe como uma amiga; o *Figaro* que a apresenta como uma notabilidade europeia nos seus *Five-ó-clock;* Gunsbourg, o adaptador da *Damnação de Fausto*, que a solicita para crear no theaque a recebe em familia; os salões de S. Petersburgo que se abrem diante d'ella; a critica musical de Bucaresth que a proclama a maior cantora do universo; o *New-York Herald*, edição de Paris, que telegrapha para a America a noticia do seu grande successo no *Barbeiro de Sevilha!*

Na côrte de Hespanha, de um ceremonial protocollar tão pomposamente severo, Regina, que ali entrou pela primeira vez ainda creança, é quasi considerada como uma artista palatina, familiar da rainha e das infantas, a tal ponto que, achando-se uma vez a cantora de passagem em San Sebastian e tendo-a visto a rainha de Hespanha exclamou, surprehendida, para a sua dama:

— Então a Pacini está em San Sebastian e ainda me não foi visitar a Miramar?

Mas tudo isto Regina nos conta sem vaidade, acariciando a sua cadellinha favorita, na sua linda sala onde o piano — um grande e solemne piano

de concerto — é o ornamento principal, sumptuosamente coberto com uma colcha da India, de setim azul pavão bordada a torçaes de seda. E quando lhe fallamos nas suas viagens pelo mundo, nas suas *tournées* de diva pela America e pela Europa, nas grandes noites de triumpho, a celebre cantora fica de repente séria, encolhe desanimadamente os hombros:

— Não ha nada melhor do que repousar. Tudo isso é delicioso, mas fatiga. Devia ir cantar a Monte-Carlo e não fui. Devia estar a estas horas em Nova-York e estou aqui...

De novo mostrava os dentes lindos n'um sorriso, — um sorriso casto de donzella, que é a sua maior formosura e a sua maior seducção.

— Pode crer; o meu maior prazer, hoje, é descançar n'esta linda Lisboa onde nasci, onde me estimam, onde tenho o meu *pied à terre*, a minha casa...

— Não ha nada melhor do que repousar...

VI — CASA DE CASTRO

No colle central da esplanada de Carrazêdo, concelho de Amares, assenta, como cidadella solitaria em arraial deserto, a historica vivenda dos antigos senhores de Entre Homem e Cavado. Um dos seus illustres possuidores, o erudito marquez de Monte-Bello, leva as lampas aos nossos archeologos na ardente apologia dos velhos castellos de Além-Douro, affirmando que este solar é obra romana, dedicado ao deus da guerra!

A quinta do Castro foi de Ruy Vicente de Penella, sogro de Rodrigo Annes de Vasconcellos (o trovador) e avô de D. Maria Rodrigues de Vasconcellos, mulher de Vasco Paes, senhor de Azevêdo; e coube, em legitima, ao infeliz Lopo de Azevêdo, senhor de Ponte de Sôr e alcaide-mór de Cintra, que, com seu irmão Luiz de Azêvedo, ficou prisioneiro na batalha de Alfarrobeira. Confiscados seus bens, D. Affonso V fez d'elles mercê a Pedro Machado, que tomára parte na execranda matança do regente D. Pedro.

Pedro Machado adquiriu tambem o senhorio de Entre Homem e Cavado satisfazendo 500 corôas a D. Maria de Azevêdo, irmã de Lopo de Azevêdo e viuva de Alvaro de Meira, a quem se havia dado este concelho como penhor da referida quantia, promettida em casamento por el-rei D. João I. A confirmação régia tem a data de 19 de abril de 1450. Seu filho Francisco Machado acompanhou D. Affonso V a Castella, servindo-o com quarenta cavallos e mais de cem infantes á sua custa; e, passando a Africa, cahiu em poder do xarife. Resgatado após longo captiveiro voltou a Portugal e trocou com D. Jorge, duque de Coimbra, o senhorio da Louzã, que herdára de sua mãe, pela commenda de Sousel, onde falleceu em 1518.

Sua viuva, D. Joanna de Azevêdo, instituiu em 1534 o morgado de Castro, que vinculou á capella de Santa Margarida, fundada na igreja de Carrazêdo por seu filho Manuel Machado, que ali foi sepultado em 1558.

O velho solar de Castro, reedificado e ennobrecido, conservou as linhas e o perfil de castello medieval ao transformar-se durante a primeira metade do seculo XVI na faustosa e soberba residen-

O solar dos senhores de Entre Homem e Cavado [aspecto actual]

cia senhoril de Manuel Machado, fidalgo de raça, retemperado ao calor d'uma alma intelligente e illustrada. Aqui veio casar e aqui passou jubilosos dias o maior vulto litterario d'essa epoca-o insigne poeta Sá de Miranda. Este facto vale mais que a duvidosa assistencia dos infantes ao Silva com D. Henrique de Souza, commendatario de Rendufe.

No dia 3 de fevereiro de 1567 Francisco Machado assassinou cobardemente, na casa de Castro, D. Henrique de Souza e aquella virtuosa e infeliz senhora. Preso, processado e condemnado á

A torre do velho solar

baptismo de Francisco Machado e que as sonhadas festas relatadas pelo marquez de Monte-Bello.

Foi rapida e precoce a decadencia d'esta grande casa. O despeitado Jeronymo de Sá, da casa da Tapada, no proposito de tirar vingança com mão alheia, delatou a seu primo Francisco Machado os escandalosos amores de sua mulher D. Maria da

morte, Francisco Machado conseguiu indulto régio e passou a segundas nupcias com D. Mecia de Mello a que já nos referimos, quando nos occupámos da torre do Geraz. Succedendo na casa, a despeito da má vontade de seu pae, D. Margarida Machado já residia em Castro, com seu marido e com seus filhos, em 1612. Felix Machado da Silva Cas-

tro e Vasconcellos, primeiro marquez de Monte-Bello (em Italia) por mercê de D. Filippe IV de Hespanha, herdou esta casa em 1635 e foi o sexto senhor de Entre Homem e Cavado. Viveu aqui poucos annos e quando Portugal sacudiu o jugo de Castella estava em Madrid e ali se conservou até á sua morte em 1662.

Seu filho Antonio Felix Machado, segundo marquez de Monte-Bello e conde de Amares, setimo senhor d'este concelho, casou, em 1676, com D. Luiza Maria de Mendonça e Eça. A elles se refere a seguinte inscripção, collocada na face norte da torre de Castro:

das «na vida de Manuel Machado de Azevedo» determinaram a desgraciosa elevação das fachadas do palacio; e tudo isto revela uma data sem emprego de algarismos. 1699 é ali uma redundancia para os olhos educados. Esses quadros, todavia, continuam a receber a homenagem dos amadores; e, sendo transferidos, ha poucos annos, para a côrte, acceitam ali as honras devidas aos trabalhos quinhentistas!

D'ahi a necessidade de accrescentar um argumento decisivo: entre os brazões que illustravam esse tecto e que ficaram em Castro como reliquias da antiga opulencia d'esta casa, estão as armas

A escada nobre da casa de Castro

ESTA TORE MANDOV
REFORMAR ANTONIO
E LVIZA SVA MOLHER
SENHORES E DONATA-
RIOS DESTE CONC.°
ANNO DE 1699.

Foi n'essa epoca que a casa e a torre soffreram os lastimosos *melhoramentos* que macularam a nobreza do seu aspecto e quebraram a harmonia que só a Arte realisa e mantém. As janellas da torre lembram exemplares aproveitados da modesta residencia parochial e o brazão dos Machados e dos Silvas (?) é uma offensa permanente ás leis da heraldica; a installação dos tectos apainelados, emmoldurando quadros *historicos* com scenas referi-

dos Mendonças e dos Eças que pertenciam á marqueza D. Luiza.

A fachada principal, a que se encosta a arruinada e pittoresca escada nobre, deve ser obra do começo do seculo XVII, se a infeliz reforma lhe não roubou o antigo caracter, como é licito presumir em presença do brazão dos Machados, cujo lavor revella mais edade e mais Arte. Decrepito e empobrecido, Castro conserva ainda seu invejado prestigio entre os mais vaidosos solares da velha aristocracia portugueza. É seu digno possuidor e representante o venerando Conde da Figueira, quarto neto, pela parte materna, do segundo marquez de Monte-Bello.

JOSÉ MACHADO.

A OURIVESARIA EM PORTUGAL

A ourivesaria em Portugal ◎ O passado ◎ Gil Vicente ◎ A custodia de Belem ◎ A epocha aurea: os lavrantes do seculo XV e XVI ◎ A decadencia ◎ D. João V ◎ A dynastia dos Germain ◎ As preciosidades de Madre Paula ◎ As filigraneiras do Norte ◎ A restauração dos nossos dias: a casa Leitão ◎ Collecções de arte ◎ Alguns dos melhores escrinios actuaes.

Foi ha bons quatro seculos que o buril privilegiado do grande Gil Vicente, lavrou n'uma esplendida concepção de arte, o ultimo pilar da celebre custodia de Belem. Sendo o mais typico e brilhante monumento da arte portugueza do seculo XV e um dos ultimos lampejos da ourivesaria nacional, como d'ella escreve um erudito, a gloriosa reliquia não fôra naturalmente um producto isolado, extemporaneo e sem tradições. Já ha muito que se lavrava ouro e prata em Portugal. Não se formara e definira um estylo differenciado, proprio, filho d'um poderoso e original esforço da imaginação alevantada e fecunda d'uma raça de artistas. Não! N'esta suave terra portugueza, que um decreto do Olympo quiz suggestivamente demarcar n'uma das mais pittorescas glebas do planeta, a Arte, como manifestação da actividade de uma gerarchia ethnica, germinando e vivendo da seiva esthetica d'um povo, não se ergueu n'uma altivez irrequieta de palmeira, dando sombra a genios, embalando civilisações; antes, no seu conjuncto, medrou delicada, n'uma vida terna, mais de planta alpina, apenas aqui e além ostentando aos ceus a contextura hybrida d'uma concepção mais sua, e menos influenciada.

O estylo gothico ou ogival foi a nossa primeira lição, a nossa mais avançada suggestão artistica; aprendemol-o na depressão artistica do seculo XIII, porque já antes artifices portuguezes tinham feito o calice de prata dourada da Sé de Coimbra e a notavel cruz de D. Sancho I, como da posterior elaboração artistica do seculo XIV nos restam a grande custodia de Alcobaça e o bello oratorio ou tryptico de Guimarães, que Filippe Simões disse ser a obra fundamental da ourivesaria d'aquelle periodo.

O gothico, porém, na imaginação dos artistas portuguezes, adquiriu feições novas, inspiradas na alma maritima d'este povo de embarcadiços arrojados, creou-se um ideal, aportuguezou-se e *amanuelisou-se*, fizemos os Jeronymos: que ninguem confunde com a Batalha.

A ourivesaria reflectiu a evolução da architectura e deixou-nos d'essa epocha peças mais caracteriscas, os calices ogivaes da mitra patriarchal, das Sés de Coimbra e Braga, a cruz do Funchal, o relicario que foi do convento da Madre de Deus

Calice offerecido a S. S. Leão XIII pelas pelas senhoras portuguezas

Terrina cinzelada em estylo Luiz XV pertencente ao sr. Manuel Emygdio da Silva

Espada de Honra offerecida ao imperador da Allemanha por El-rei D. Luiz

de Lisboa, de ouro esmaltado, tendo nas arcadas o camaroeiro, divisa da rainha D. Leonor, a lampada da capella da Universidade de Coimbra de delineamento fóra do vulgar e subido artificio, os pratos, gomis e salvas de D. Fernando e D. Luiz e as multiplas preciosidades que constituiram o enxoval da formosa D. Beatriz de Saboya, a princeza *menina e moça*, que se diz ter sido objecto da dolente e romantica paixão do suave Bernardim Ribeiro.

Gil Vicente, auctor da custodia de Belem, foi d'essa geração, raça nobre de artistas, que firmaram o apogéu da ourivesaria nacional, quando já nos começavam a invadir os moldes e ensinamentos de Cellini, de Frerinznola, a decisiva influencia da deslumbrante Renascença italiana.

E para mais, tinhamos posto pela porta fóra, n'uma visão acanhada do mercantilismo da epocha, os artifices judaicos, cuja engenhosa descendencia de joalheiros o sr. Ramalho Ortigão iria observar, em nossos dias, nas lojas e fabricas de diamantes de Amsterdam.

Era a decadencia palpavel nos tempos d'aquelle homem de muita sorte que foi D. Manuel... Tinhamos a jorros perolas do Japão e Manaar, rubis do Pegú e diamantes da India; um deslumbramento de chronica, que tem á margem notas de sisuda critica, como a de Affonso de Albuquerque, o velho e glorioso batalhador do Oriente, a pedir, nas ultimas horas, que lhe não fizessem leilão dos despojos, por via d'umas calças rotas do seu minguado espolio.

A decadencia da ourivesaria portugueza coincide obscuramente com a ampla iniciativa artistica da Hollanda, da Inglaterra e principalmente da França. O seculo XVIII é o periodo dos *Germain*. Pedro, Thomaz e Francisco Germain são joalheiros das casas reaes de França, de Portugal e da Russia. D. João V encommenda a Thomaz Germain a notabilissima baixella, como por certo de França mandou vir muitas das joias com que adornou a formosura e satisfez os caprichos da cigana Margarida do Monte, da Petronilla, e da formosa D. Luiza Clara de Portugal, «a flôr da Murta». A camara da Madre Paula, conforme nol-a descreve o sr. Alberto Pimentel, com espelhos dourados, candelabros, cadeiras carmezins com pés e braços de talha doirada alternando com os bofetes e escriptorios de charão negro e oiro, o leito guarnecido de lamina de prata doirada e toda a mais ornamentação e mobiliario deviam ter sido, na verdade, uma das mais faustosas manifestações da megalomania do monarcha portuguez.

Veiu a edade da ostentação com os bailes de Queluz e as noites de S. Carlos; foi a sociedade do tempo da duqueza d'Abrantes, em que brilhavam a condessa da Ega, a duqueza de Lafões e as marquezas de Louriçal, Loulé e Marialva. O judeu Isaac era intermediario, vendia perolas e esmeraldas para as aristocratas d'então. Inda se não seccára o manancial do Brazil e o legado de D. João V fôra de tal ordem que quasi não havia imagem de santo em Portugal que não tivesse a corôa inundada de diamantes. O peor seria a rapina dos exercitos de Bonaparte!

⊛

Em nossos dias e ha já alguns annos a ourivesaria portugueza, no que respeita á lavra de cinzel em prata, parece querer resgatar suas antigas tradições. O abastardamento generalisára-se nocivamente, perdidas as antigas e gloriosas aptidões

Caneca manuelina, premio do concurso de tiro no centenario de Vasco da Gama — Premio de S. M. El-Rei

em tempos seguidos de cabotinagem e obscuro plagiato.

A velha, curiosa e immensamente pittoresca industria popular das filigranas de ouro e prata, lidimo producto da alma artistica do povo, como que definha perante a invasão odiosa do francezismo, do incaracteristico producto d'além-fronteira.

Fructeiro manuelino offerecido por El-Rei ao imperador da Allemanha

Calice offerecido por S. M. El-Rei D. Luiz a S. S. Leão XIII

O arraial, a romaria em terras de Portugal, sobretudo no Norte, foi sempre um espectaculo unico, consolador, pedaço vivo do temperamento, hilariante do povo, ao calor do «verde», com polvora de foguetes estalejantes, n'uma expansão geral, ridente, ampla e salutar para alliviar os cuidados de quem paga muitos impostos mas, felizmente para elle, nunca olha o dia de ámanhã. Ahi exhibiam-se as raparigas na cantante variedade dos trajos, as arrecadas, os cordões, cruzes de Malta, corações, tudo bem grande á vista, n'um espavento de ostentação, a rir ao sol, cantando, escolhendo consorte, qual a mais garrida ou a mais formosa a tilintar o luxo das filigranas cobrindo bustos esbeltos de cachopas louras e trigueiras, filhas de Portugal, devotas da Senhora d'Agonia.

Hoje retrahem-se já, usam mantilha, batem compassos de dança exotica nas fogueiras de S. João, e alli por Coimbra quasi que só a Marrafa, justa e tradicionalista como um chavão, exhibe ainda as suas arrecadas e o seu largo cordão de oiro.

Grande centro de meza e serpentinas D. João V
(Baixella Barahona)

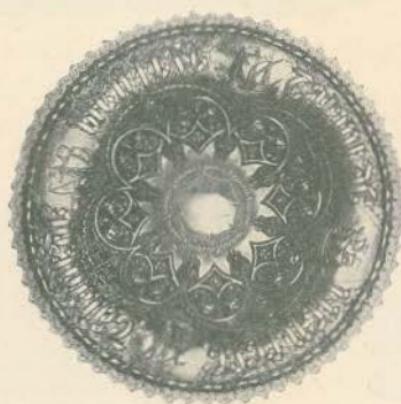
Na arte de lavrar em prata ha muito que se vem fazendo na ourivesaria portugueza uma obra fecunda de orgulhosa renovação. E d'esse altivo emprehendimento, é justo dizel-o, que cabe a maior e mais gloriosa parcella á casa Leitão, de Lisboa, que ha muitos annos vem traçando um dos mais fecundos capitulos da historia da ourivesaria portugueza.

Um nucleo de homens de franca e elevada intuição artistica iniciou por todo o paiz um verdadeiro inquerito de motivos nacionaes; tirou-se a lume, n'um esforço paciente de observação, o «ce-

Taça Vasco da Gama. — Premio da Sociedade de Geographia para as regatas internacionaes

tylo ou variante D. João V», adaptou-se o *manuelismo*, surprehendendo recortes, arcos, espheras, feições artisticas nos monumentos do mais caracteristica feição portugueza; colligiram-se aspectos de disseminada e singela arte popular, adaptando a candeia, o candieiro de tres bicos, cestaria, e, n'uma imitação felicissima da ceramica do genial Raphael Bordallo Pinheiro, reproduziu-se o moringue, a bilha de Coimbra, o cangirão do Alemtejo. Assignalam um verdadeiro monumento artistico da ourivesaria nacional a espada de honra offerecida por el-rei D. Luiz ao imperador Guilherme, de copos aureos tendo cravadas a brilhantes as armas imperiaes; a taça manuelina «Vasco da Gama», bello tributo de ourivesaria para a commemoração do centenario da India; o castão, da mesma feição artistica, do sr. Carvalho Monteiro; o cangirão alemtejano do sr. Vicente Themudo; o jarro para agua, a terrina de delicadissima inspiração Luiz XV e uma moldura de original delineamento e primorosa cinzeladura pertencentes ao sr. Manuel Emygdio da Silva; as mil preciosidades da collecção artistica dos srs. condes de Valle-Flôr; e em «variante D. João V» a guarnição de escriptorio que possue o sr. conde de Penha Longa; o serviço de chá do sr. Candido Sotto-Mayor, e, principalmente, a notavel e magnificente baixella mandada executar pelo dr. Barahona, o homem cuja opulencia soube ser tão benefica e dar tão digno estimulo á arte do seu paiz. A baixella Barahona é uma nova apotheose da ourivesaria portugueza.

Sobre a base de bons limites, gracil e espraiada, a inspiração alevantada do artista poz a nado, bem orgulhosa e enfunada, a taça central, que parece querer navegar, galeão de outras éras, como d'elle disse um escriptor portuguez, para o desconhecido, repartindo em apainelados pela exhibição saliente dos estygmas da epocha — a *rocaille*, a voluta e o escudo joannino, sobrio, elegante, simples e nosso nas palmas, louros de outros tempos, e na concha, symbolo maritimo, o eterno *leitmotif* da gente portugueza; nas voltas da grande taça, enraizando naturalmente na amplitude da base, elevam-se, n'uma primeira e mais terna ramificação, feixes de volutas e folhas de acantho, que logo florescem mais grandiosamente, em gommos de pujante e volumosa magnificencia de cinzel, ao aconchego das volutas recurvadas, trepando ás cornijas do vertice.

E todo aquelle portentoso galeão, cheio de vida e de alma artistica (se ali está o traço do grande incomprehendido Columbano Bordallo Pinhei-

Fructeiro manuelino pertencente ao ex.mo sr. José Relvas

Fructeiro manuelino pertencente ao ex.mo sr. José Relsav

Taça Rei Eduardo VII. — Premio para a Sociedade de Tiro aos Pombos

que D. Luiz offereceu ao Papa Leão XIII, uma cabeça de leão que o sr. marquez de Franco e Almodovar offereceu á cantora Darclée, além de varias peças que fazem parte das collecções artisticas da sr.ª Duqueza de Palmella e dos srs. Condes do Ameal.

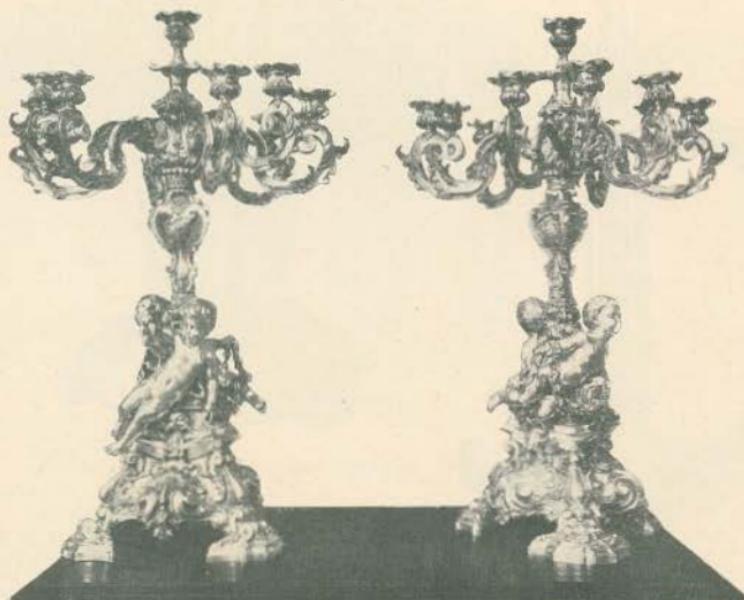
O Porto tambem sempre foi centro d'uma raça illustre de joalheiros e lavrantes, sendo até o Norte em todos os tempos a escola mais fecunda dos mais

Espada de honra offerecida ao tenente coronel Manuel de Sousa Machado por subscripção da arma d'infantaria

ro!) quer mover-se, arredar os golphinhos que espreitam da base, crescer á vista, navegar e ser immortal na constante e alta expressão de todo o seu enlevo.

As serpentinas, na inspiração de Mafra, nada severa, antes mundana, são leves e graciosas, rindo mimosamente pelo encanto dos infantes, desfolhando capellas com sorridente ingenuidade.

Foi precursor d'este resurgimento o notavel cinzelador Raphael Zacharias da Costa, o principal lavrante da celebre faca de matto, que reproduzia em primorosa cinzeladura mais de cem cabeças e corpos de animaes. Zacharias da Costa cinzelou tambem, entre muitas e notaveis producções, um saleiro de ouro, figurando peixes e mariscos, para a rainha D. Maria II, um par de castiçaes gothicos para el-rei D. Fernando, o calix manuelino

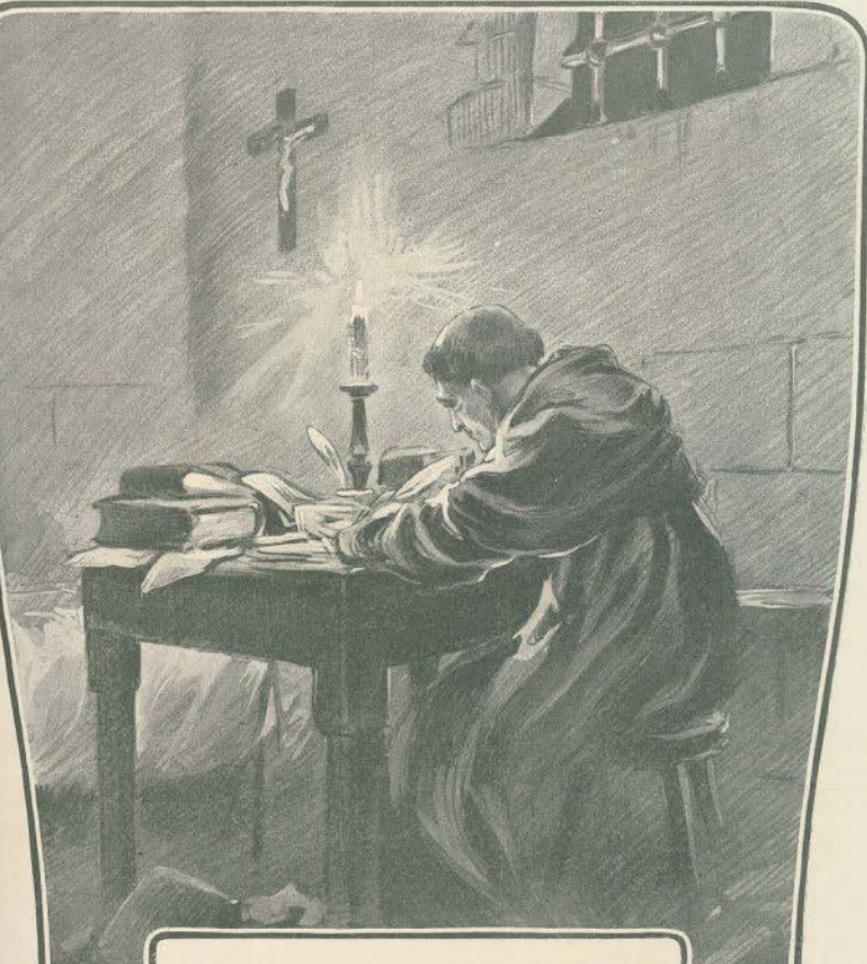
Cantara alemtejana, pertencente ao ex.mo sr. Vicente Themudo

Peças principaes de baixella pertencente ao ex.mo sr. dr. Francisco Barahona

aprimorados e dextros artifices de ourivesaria. Ainda ha pouco a casa Reis & Filhos expunha em Lisboa uma bem lavrada baixella, de feição manuelina, sobre desenhos de Raphael Bordallo, pertencente ao sr. Visconde de S. João da Pesqueira.

As tres melhores collecções da arte de ourivesaria, que se conhecem entre nós, segundo a erudita indicação do sr. Sousa Viterbo, e nas quaes predomina o lavor religioso, são a do gabinete numismatico da casa real portugueza, onde se vê a custodia de Belem, cruz de D. Sancho, um calix ricamente ornado do seculo XVI e a cruz do Santo Lenho, pertencente á casa de Bragança; a do Museu de Bellas Artes, que contém os calices bysantinos de D. Mafalda, a cruz gothica de Alcobaça, o relicario de D. Leonor e a cruz de Belem em estylo Renascimento, com episodios de fabula em alguns dos baixos relevos da base; a collecção do thesouro da egreja de S. Roque, as preciosidades da capella de S. João Baptista, exposição de arte a que está associado tão benemeritamente o nome do sr. Francisco Ribeiro da Cunha, e o já bem notavel Museu da Arte Sacra, colligido em Coimbra por iniciativa do sr. Bispo Conde, e do qual já publicou justa noticia n'esta publicação o illustre escriptor sr. Eugenio de Castro.

São preciosas e muitas as joias que compõem os escrinios das Rainhas de Portugal e na corôa portugueza scintilla, bom entre os bons, um diamante, que se pode comparar ao «Regente» de França, ao «Koh-i-noor» da corôa ingleza e ao «Florentino» de Austria.

A sr.ª Duqueza de Palmella, as sr.as Condessas de Valle-Flôr, de Penalva d'Alva e de Porto Côvo, e a sr.ª D. Camilla de Faria possuem algumas das melhores preciosidades artisticas da joalharia dos nossos dias; e inda hoje se falla das esmeraldas da casa Anadia, do collar de perolas da sr.ª Marqueza da Foz, da estrella de brilhantes da sr.ª Marqueza de Penalva e do patrimonio artistico da aristocratica Marqueza de Vianna.

JOSÉ LOBO D'AVILA LIMA.

A SOMBRA DE FREI LUIZ DE SOUSA

O QUE É HOJE O CONVENTO DE BEMFICA © COMO SE DESMENTE O PATRIOTISMO DE FR. LUIZ DE SOUZA © A SEPULTURA DO GRANDE ESCRIPTOR

S. Domingos de Bemfica, aquelle logar tranquillo, entalado entre dois outeiros e em cuja paz seraphica Fr. Luiz de Souza burilou a *Historia de S. Domingos* sobre o manuscripto barbaro do frade Luiz de Cacegas, é hoje ainda o mesmo recanto triste, isolado e quieto onde se ouve por vezes o tanger falhado d'um sino a bater horas, talvez o mesmo que annunciava ao douto frei a passagem

Tumulo de D. João de Castro

de mais um espaço de tempo na sua vida alanceada.

D'apparencia mesquinha, baixado na entradinha, com o seu ar de ruina veneranda junto á qual se ergueram as paredes d'um recolhimento no sitio da velha clausura, a egreja faz pena e a falta da claustrada, das cellas monasticas, da grave e profunda vida dos monges que se esculca atravez a obra do illustre frade, faz sonhar nos momentos desesperados da existencia d'esse infeliz. E' uma grande dôr moral que se adivinha e nos commove n'essa recordação, mas é tambem um arrepio indignado que nos fremita quando, com a *Historia de S. Domingos* sobre os joelhos, sentados nos degraus da portaria, agora, passados duzentos e oitenta e tres annos depois que elle a escreveu, vemos na primeira pagina a dedicatoria a El-rei Nosso Senhor, que era n'esse tempo Filipe IV d'Hespanha, e III de Portugal, o qual exactamente n'esse anno fazia pezadas exigencias de dinheiro ao Senado de Lisboa.

E o dominicano que, dramatisado por Almeida Garrett, se mostra patriota a ponto de largar fogo á sua casa d'Almada para não acolher sob aquelles tectos os que repellia por traidores e vis, traça no anno de 1623, com o ouro do seu talento e com o fulgor da sua penna o seguinte periodo de vileza em quem tantos talentos luziam:

«*Novo genero de cronica offerece a V. M. a minha religião, por mi n'este volume que a seus reaes pés tenho: d'aquelles santos e valerosos reis portuguezes, dos quaes V. M. tem o sangue e possue a corôa que largos annos felicissimos possuirá.*»

A dentro d'aquellas paredes de S. Domingos, onde estão o tumulo de João das Regras e a capella dos Castros, na qual repousa o grande vicerei da India. Fr. Luiz de Souza, afeito á religião, envolto no habito dominicano, esquecia não só os colossaes vultos que além dormem—esses dois varões de Plutarcho—mas ainda seu pae, esse grande Lopo de Souza Coutinho, que tão rigido era em principios a ponto de lhe chamarem Catão Uticense e os reis se comporem para lhe falarem.

Assim, no ambito da egreja, parando deante do tumulo do celebre jurisconsulto do Mestre d'Aviz e da capella do esforçado vice-rei da India, andando n'esse espaço breve, da nave á capella dos Castros, dois seculos altivos de historia, pensa-se que Almeida Garrett, seduzido pelo tragico successo da vida de Fr. Luiz de Souza, inventou o episodio do primeiro acto do seu drama em que entre as chammas rubras, na ancia, no alarme, sagra como patriota o futuro dominicano e illustre chronista.

N'essa egreja Fr. Luiz de Souza tem a cobrir-lhe o pó uma lousa humilde, um quadrado simples onde se lê:

AQUI JAZ
FREI LUIZ DE SOUZA
NASCEU EM 1555
MORREU EM 1632
MANDOU COLLOCAR ESTA LAPIDE
O PADRE
JOAQUIM PINTO DE CAMPOS
NATURAL DE PERNAMBUCO
(BRAZIL)
AOS 4 DE JUNHO DE 1878

João das Regras, D. João de Castro, Vasco Martins d'Albergaria teem os seus sarcophagos,—como se pela humildade do monge se lhes fizesse justiça e os alteassem, a elles, cavalleiros esforçados—diante do frei que tambem lidára em cavallarias e na Ordem de Malta, mas que bem depressa o esqueceu pungido — queremos acredital-o — pelas dôres que lhe anavalhavam o animo n'esse mosteiro onde antes d'elle vivera outro frade bem santo de espirito e douto de engenho: Fr. Bartholomeu dos Martyres.

Interior da egreja de S. Domingos de Bemfica

A VIDA DE MANUEL DE SOUZA COUTINHO © O ROMEIRO DA PEÇA © AS SCENAS FALSAS DO DRAMA DE GARRETT

Deante d'aquella pedra que encobre a poeira dos seus ossos amortalhados nos fiapos do habito, evocam-se as suas dôres, relembra-se a sua vida, sentindo, em volta com os sarcophagos dos grandes homens, as sepulturas mais pobres do frade Belliagua, do sargento-mór Carrião de Castanheda, de Velho Lobo e d'outros que só ali se fazem recordar.

É a sombra de Fr. Luiz de Souza encasulada no habito e dourada de legenda que surge, é ella que enche a egreja fresca e escura, que só é turbada de quando em quando pelo silvo d'algum comboio galgando nas linhas como a desembaraçar-nos o espirito da admiração para o mergulhar na critica que se impõe necessaria e rapida.

Fr. Luiz de Souza, chamado no seculo Manuel de Souza Coutinho, filho d'esse Lopo do mesmo appellido, rigido Catão, deixa entrever sob essa veste d'uma Ordem douta e forte o seu gibão golpeado e o seu manto de cavalleiro de Malta e sob a austeridade da sua fronte de monge a belleza da mocidade, de quando, ávido de glorias, se esforçava contra os turcos, e tambem as primeiras rugas que lhe vieram com o captiveiro entre aquelles infieis e do qual foi resgatado para passar á India onde batalhou. Depois, feito homem, veste louçanias, enche-se de jubilos, consorcia-se com D. Magdalena de Vilhena, que se julgava viuva de D. João de Portugal, da casa de Vimioso, e vae viver com ella para o remanso da sua quinta d'Almada, onde Garrett lhe empresta o esforço d'um romano, ao tratal-o na sua peça.

D. João de Portugal fôra um dos cavalleiros que seguira D. Sebastião n'essa tragica jornada de Alcacer-Kibir, onde epilepticamente os terços se perderam emquanto o rei queria morrer devagar, fôra um dos que se sumira nas nuvens de poeira do ultimo assalto, de montante no ar e d'animo rijo. A esposa — julgando-se viuva — e quem sabe se o não seria de facto! esqueceu-o e casou-se com o futuro Fr. Luiz de Souza. Decorreram annos placidos na sua vida, amaram-se alem á sombra das suas arvores e diante do rio calmo e azul, longe da côrte espatifada e encolleirada pela Hespanha, até que n'uma tarde, estando D. Magdalena de Vilhena conversando com seu cunhado Fr. Jorge Coutinho, um peregrino, que se dizia vindo de Jerusalem d'uma romagem piedosa, lhe turba a paz da sua vida ao contar-lhe que topára n'aquelles logares santos um portuguez de boas fallas e que lhe pedira para ao passar por Almada, no seu regresso ao reino atormentado pelos Filippes, dissesse a D. Magdalena, viver ainda quem d'ella se lembrava. Informada dos signaes d'esse homem, a mulher de Souza Coutinho, alanceada e louca, pediu-lhe para que apontasse na galeria dos retratos o que se parecesse com esse homem que tal recado lhe dera. Fr. Jorge Coutinho levou-o á galeria e o romeiro apontou o retrato de D. João de Portugal. Pareceu-lhe que o pri-

A cascata

Capella onde estão sepultados os Castros

meiro marido ainda vivia, que estava ali na sua frente sem poder occupar o logar agora pertencente a outro.

Essa sombra de Fr. Luiz de Souza transforma-se então ao ser evocada nos seus trajos de cavalleiro. Apaga-se de galas para apparecer com o burel. Sabedor do que se passára toma com a esposa a resolução de se internarem n'um convento a exemplo dos condes de Vimioso, que tinham feito o mesmo. E assim deliberaram, porque cousa alguma já os ligava á terra.

Procura-se debalde n'essa historia uma hesitação. A religião tornava-os medrosos do delicto. E a filha, essa creança, de nome tão doce e de nenhumas culpas, que Almeida Garrett faz apparecer no seu drama, tido como a obra prima do theatro portuguez?! Não seria ella, tão mimosa e tão fraca, como a pintou o dramaturgo, um motivo poderoso para elles, de leitos apartados, viverem no seculo para a sua paixão pela creança?! Sel-o-hia decerto se essa figura não fosse da invenção do escriptor, collocada por aquella forma no drama. N'aquella epoca já a creança não existia; morrera muito pequenina e o pae o diz em lindas palavras pela penna de Fr. Antonio da Encarnação:

«O caminho está franco, pois um penhor que tivemos foi Deus servido de o levar para si em tenros annos, está no ceu, assim o creo, para lá nos chamam as saudades.

Garrett, talvez n'aquelle mesmo logar, no silencio pesado da egreja e em face d'aquella louza, evocando tambem a sombra soffredora de Fr. Luiz e esse dia 8 de setembro de 1614 em que elle professou, tivesse a idéa de tornar mais tragica a sua peça, mettendo-lhe aquella figura de creança para fazer mais activamente sentimental a sua obra; de falsificar a verdade para assegurar melhor o exito, elle que, no seu grande orgulho, esmurrára o velludo do camarote ao sentir o pouco successo da *Sobrinha do Marquez*. E assim incidiu sobre a sua platéa aristocratica do theatrinho da quinta do Pinheiro, onde elle representou a parte de Telmo Paes—o fiel escudeiro—e depois sobre o publico do theatro D. Maria II, cujos netos ainda hoje fremitam diante da obra prima onde ha as duas scenas inventadas fóra da historia: a do patriotismo de Fr. Luiz e a da morte d'essa creança já finada de ha muito no anno de 1614. O patriota dedicava a sua obra ao rei intruso, mas o pae talvez não entrasse no convento se a filha não estivesse a esse tempo—como elle diz—no ceu, para onde a saudade o chamava.

ACERCA DO CONVENTO ◎ A FONTE DO SATYRO ◎ O PADRE MESTRE DE BEMFICA E A NARRAÇÃO DO ROMEIRO ◎ PORQUE MANUEL DE SOUZA COUTINHO ESCOLHEU O NOME DE FR. LUIZ DE SOUZA

Sahindo da egreja e vagueando pela horta do convento, hoje pertencente ao recolhimento da sr.ª D. Thereza de Saldanha, parando diante da fonte do Satyro, agora quasi abandonada, mutilada, chapada de cal, procurando o rio que relembrava o Alva de Claraval, os peixes que alimentavam os religiosos e todas as bellezas que o estylo do escriptor nos aponta na sua *Historia de S. Domingos*, topa-se apenas um vago reflexo de tudo isso. Faltam ali as grandezas, só ha a legenda; o tempo tudo transformou. Em vez do convento vetusto, das frontes austeras dos frades dominicanos, da pesca que se fazia, da agua que brotava em caudaes como em Claraval, vê-se a parede clara do recolhimento moderno, as suas janellas rasgadas

O tumulo de João das Regras

A fonte do Satyro

e amplas e por detraz d'ellas adivinham-se os rostos formosos das irmãs de caridade e das creanças que vimos n'uma manhã luminosa, n'um domingo de gôso, immoveis e dóces assistindo á missa na pequena capella visinha, cheias d'uncção e cheias de beatitude, contrastando com a frescura e com o alvoroço que nós levavamos cá de fóra, da estrada, do passeio matinal, dos rouxinoes que cantavam á nossa passagem entre as arvores seculares da quinta do convento. Só as rosas pendem em cachos como no tempo do frade douto e só os rouxinoes se succedem, eguaes aos do seu tempo em plumagem e em trinados. O resto não; tudo transformado.

Olhando para as arvores e para as ruellas, aquella sombra de Fr. Luiz de Souza parece surgir melancolica e abatida a passear-se ao lado d'outra sombra, talvez a do seu amigo conde de Vimioso, seu consolador, talvez a do padre mestre de Bemfica em cujas mãos elle se entregou para professar, recordando-se sem duvida muito e muito, diante d'aquelle frade, do primeiro marido de D. Magdalena de Vilhena, que, como o padre mestre, se chamava João de Portugal; relembrando tambem a esposa que áquella hora se entregava á religião no convento do Sacramento, tendo trocado o seu nome fidalgo de Vilhena por outro todo de compuncção e de sacrificio: o de soror Magdalena das Chagas.

Elle, tambem á sombra d'aquellas arvores, por uma manhã de setembro, decerto ao lado do conde de Vimioso, ali recolhido, escolhia o nome que devia ficar como um facho na ordem de S. Domingos e como uma soberana gloria na litteratura de Portugal.

O conde de Vimioso, parente do primeiro marido de D. Magdalena de Vilhena, chamava-se Luiz de Portugal e então, em homenagem a esse amigo que com o seu exemplo lhe apontava o caminho do ceu, pelas mãos sacras d'um bispo, de joelhos e contricto, Manuel de Souza Coutinho ficou a chamar-se Fr. Luiz de Souza.

Ali viveu encerrado dezoito annos, escrevendo e jejuando, acorrendo á cabeceira dos enfermos como seu amigo e orando, trabalhando sempre como a enganar a sua dôr, talvez a sua saudade do mundo, mas mais a da sua quinta d'Almada onde noivára com a linda esposa que, desde a sua entrada n'aquella portinha da egreja de S. Domingos de Bemfica até á hora da sua morte placida, jámais viu, temendo que os seus olhos agora afeitos á leitura barbara da prosa do frade Cacegas, ungidos pelos exemplos do venerando patriarcha S. Domingos e de tantos outros filhos da Ordem, ainda descobrissem na monja as perfeições da esposa.

Então, por um mez de maio florido e claro — mez da Virgem e das rosas — por um maio como este em que evocamos a sua sombra, junto á lousa humilde que lhe cobre a poeira, elle finou-se e lá jaz no seu convento onde sentimos a sua figura illustre, ao lermos as paginas d'esse livro d'oiro dedicado a Filippe IV de Hespanha, que era o rei intruso do pobre Portugal no ultimo dia do anno de 1623 em que elle lh'o offereceu na paz dôce do convento hoje desmantelado, olhando o rio que se escoou na terra, bem com Deus e com o rei castelhano.

ROCHA MARTINS.

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA **Illustração Portugueza**

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias, inaugurou uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas cathegorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho (professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc).

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero, e será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta (com todas as indicações bem legiveis) mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro, esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana uma publicação.... 1$000 réis 4 publicações.... 2$500 réis
Annuncios commerciaes, uma publicação....... 800 réis 4 publicações.... 2$000 réis

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta feira de cada semana.

Companhia Franceza do Gramophone

NOVAS COLLECÇÕES SENSACIONAES

Artistas de todo o mundo todas as celebridades

OS CHEFS D'ŒUVRES de todos os maestros glorificados: Adam, Beethoven, Berlioz, Bizet, Delibes, Donizetti, Gounod, Meyerbeer, Mozart, etc., etc.

AS VOZES de todas as divas celebres e de todos os cantores laureados

Sons com toda a nitidez, pujança e clareza

A melhor, a mais verdadeira, fiel e a mais barata bibliotheca artistica é um

GRAMOPHONE

e uma collecção de discos impressos com as vozes dos artistas preferidos.

A **Companhia Franceza do Gramophone,** Largo da rua do Principe, 8, 1.º, satisfaz promptamente todos os pedidos que lhe sejam dirigidos, bem como fornece catalogos e esclarecimentos.

Agente no Porto: Arthur Barbedo, rua Mousinho da Silveira, 310, 1.º—*Agente em Braga:* Manuel Antonio Maneiro Gomes